

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Priscila Goulart dos Santos

**DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO – DAFE
PARA QUÊ?**

Porto Alegre
1º semestre
2013

Priscila Goulart dos Santos

**DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO – DAFE
PARA QUÊ?**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito obrigatório para obtenção de título Licenciatura em Pedagogia.

Orientador (a) Professor (a): Dra. Carmen Lucia Bezerra Machado

Porto Alegre
1º semestre
2013

*Nada é impossível de mudar
Desconfiai do mais trivial, na aparência singela.
E examinai, sobre tudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente: não aceiteis o
que é de hábito como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada, de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural,
nada deve parecer impossível de mudar.”*

Bertold Brecht

AGRADECIMENTOS

Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena acreditar nos sonhos que se tem, e que as coisas nunca vão dar certo, e que você nunca vai ser alguém...

Renato Russo, Mais uma Vez.

Começo agradecendo aos Professores Osvandir e Cátia do Colégio Estadual Rodrigues Alves em que cursei o Ensino Médio, pelo simples fato de que foram eles quem me convenceram que eu podia ir para a UFRGS; fizeram-me crer que também tinha capacidade, me incentivaram durante os três anos a dar o meu melhor, a não desistir, a lutar pelos meus sonhos.

À Direção do Colégio Estadual Rodrigues Alves, que durante o 1º ano do Ensino Médio me ajudou com as passagens, num momento em que não tive passagem, material, e muito menos alimentação para frequentar a escola. Obrigada por não me abandonar!

A todos que disseram que eu não era capaz, que meu destino era ser um ninguém, porque isso me ajudou a provar o contrário.

Às minhas queridas amigas Bruna, Aline, Fernanda e Miúcha por tudo que passamos juntas até o dia em que vimos nossos nomes no listão, independente da universidade.

À minha avó Stella que, até mesmo depois da morte, me ajudou a concretizar os caminhos que me levaram até aqui.

À minha irmã Nicole que sempre acreditou em mim, que sempre esteve ao meu lado.

À minha mãe que, desde cedo, me mostrou que, para chegar aonde queremos, é preciso lutar sempre, por mais difícil que a vida venha a ser. Ensinaste-me o que é superação!

Aos companheiros do DAFE, Angela Pertile, Luiza, Pietra, Joana Ludwig, Martina, Carine, Greice, Flávia, Stephanie, Ana, Aline, Camila, Andriws, Joana Stedile, e a todos os demais. Aprendi muito com cada um de vocês!

À minha querida orientadora do estágio curricular Prof.^a Maria Luiza M. Xavier. Obrigado!

À Prof.^a Danusa, titular da turma em que realizei meu estágio!

À turma Alfa I A: Arthur Matos, Arthur Gusmão, Lorenzo, Maria Eduarda, Manuela, Vitória, Júlia, Yasminn, Patricia, Renan, João, Pedro, Gabriel, Gustavo, Heitor, Italo, Laura, Lisele, e Sofia. Entre todos os presentes que Deus me deu, este, sem dúvida, foi o melhor!

À equipe da UniAlfa, Prof.^a Tanise, Prof.^a Fernanda, Prof.^a Luciane, Prof.^a Daine, Prof.^a Mara, Jaqueline, Virginia, Prof.^a Dirce, e às professoras especializadas.

À Prof.^a Carmen Lucia Bezerra Machado, minha orientadora do TCC, mas muito, além disso, minha amiga e companheira, o anjo que encontrei na FACED, que amo e admiro muito.

Ao meu maior exemplo, desde o dia em fiz o vestibular, pois olhar aquela senhora ali, de cabelos brancos, fazendo a prova, me lembrou que, por mais difícil que vida seja, não podemos desistir nunca: Sara Maria Saraiva.

A Deus, que nunca me abandonou, esteve sempre ao meu lado, acredita em mim mais do eu mesma, me deu força e coragem para prosseguir, independente dos terremotos e furacões.

De todo meu coração: obrigada!

RESUMO

Este estudo resulta da vivência enquanto graduanda em Pedagogia e membro do Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação - DAFE - da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no período de 2010 a 2013. Compreendo a Faculdade como um espaço ideologizado e burocrático que objetiva manter a lógica dominante na sociedade (ordem do capital). Nela predominam as relações aluno x professor na forma bancária. Procuo entender o sentido e o lugar do Diretório na Faculdade e na Universidade. Na caminhada teórica autores suleadores como FREIRE e FLORESTAN FERNANDES foram tematizados. A fim de obter informações que viessem dar suporte às análises, foi construído um questionário eletrônico, encaminhado a estudantes, a professores, bem como, aos membros da atual gestão do Diretório. Na pesquisa destaco três aspectos: a aparente 'alienação' dos membros que compõem a atual gestão; as narrativas dos docentes que parecem desconsiderar o aluno como um sujeito adulto, ativo e criativo, a concepção dos discentes que não compreendem as razões, o papel, as funções, e ao sentido da existência de um Diretório Acadêmico como parte da formação discente. Concluo que docentes, discentes e membros tendem a não o ver como um espaço de formação política, percebendo-o como local burocratizado ou apenas de entretenimento.

Palavras-chave: Universidade. Movimento Estudantil. Diretório Acadêmico. Educação bancária.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Quadro de análise: DAFE o que pensam discente, membros da gestão e docentes.....	19
FIGURA 2: Foto tirada na primeira reunião de organização da chapa Pedagogia: primeira opção, realizada na Casa do Estudante em outubro de 2012. Os em que os membros escreveram a resposta aos seguintes questionamentos: o que é um DA? Para que serve um DA? Realizada na Casa do Estudante em outubro de 2012.....	30
FIGURAS 3 a 10: Fotos tiradas na mais recente manifestação em disputa pelo espaço que foi do bar da FACED, dia 28 de junho de 2013.....	32-35
FIGURAS 11 a 13: Fotos tiradas na ocupação do espaço físico do bar da FACED pelos estudantes da Pedagogia e de outros cursos, no dia 10 de julho de 2013..	36-37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COMGRAD: Comissão de Graduação da Faculdade de Educação;

CONSUNI: Conselho da Unidade;

COMPESQ: Comissão de Pesquisa;

COMEX: Comissão de Extensão;

DAFE: Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação;

DEE: Departamento de Estudos Especializados;

DEBAS: Departamento de Estudos Básicos;

FACED: Faculdade de Educação;

ME: Movimento Estudantil;

RD: Representante Discente;

UNE: União Nacional dos Estudantes;

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

1 O QUE É? POR QUE O DAFE?	11
2 O SUJEITO DO/NO MOVIMENTO ESTUDANTIL EM PESQUISA	14
3 DAFE ↔ DISCENTES ↔ DOCENTES	17
3.1 UMA BREVE HISTÓRIA	17
3.2 EDUCAÇÃO BANCÁRIA NA FACED?	18
3.2.1 Relação aluno x professor	19
3.2.2 “Alunos” (sem luz) ou estudantes?	24
3.3 LUTAR TAMBÉM É EDUCAR	25
4 PEDAGOGIA: PRIMEIRA OPÇÃO (EM SILÊNCIO?)	28
4.1 O QUE DIZER	28
4.2 SILÊNCIO E SILENCIAMENTOS	28
4.3 DAFE 2012 – 2013	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
6 REFERÊNCIAS	39
ANEXOS	41
ANEXO 1 – BANDEIRAS DE LUTAS DO DIRETÓRIO NA DÉCADA DE 80	41
ANEXO 2 – BANDEIRAS DE LUTAS DO DIRETÓRIO NA DÉCADA DE 80	42
ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO DA INSTITUIÇÃO	43
ANEXO 4 – MANIFESTO PRÓ SEMANA ACADÊMICA DA PEDAGOGIA	44
ANEXO 5 – ABAIXO ASSINADO EM PROL DA LUTA PELO ESPAÇO QUE ERA BAR	45
ANEXO 6 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	46

1 O QUE É? POR QUE O DAFE?

“Até quando você vai ficar usando rédea?
 Rindo da própria tragédia?
 Até quando você vai ficar
 usando rédea? (Pobre, rico, ou classe média).
 Até quando você vai levar cascudo mudo?
 Muda, muda essa postura
 Até quando você vai ficando mudo?
 Muda que o medo é um modo de fazer censura.
 Até quando você vai levando?...”

Gabriel, o Pensador.

Gabriel O pensador

(Era uma vez) há alguns anos atrás no Brasil, um povo dominado por um pequeno grupo de pessoas que detinha o poder político e econômico. Ele sofria todo tipo de miséria e exploração. Entretanto, gradativamente alguns membros deste povo foram entendendo a necessidade da luta coletiva dos oprimidos contra a ditadura do capital como o único caminho para mudar a situação de subsistência em que viviam. Deste modo vários grupos em diversos setores da sociedade proletária organizaram-se para lutar por melhores condições de vida.

Sendo assim, ao longo dos anos foram surgindo inúmeros setores de organização de segmentos da sociedade, como os movimentos sociais, as entidades sindicais (CUT)¹ e estudantis (UNE)², as associações (CPERS) e os partidos (PT)³ e outros. Por se tratar de um contexto repressor todos lutavam em prol de uma justiça social que colocasse fim na exploração de trabalhadores, e no antagonismo miséria x riqueza. Os estudantes universitários e secundaristas lutavam também por liberdade de expressão, e pela educação pública gratuita e de qualidade para o povo trabalhador.

¹ A Central Unificada dos Trabalhadores, o Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul, o Partido dos Trabalhadores, é aqui referida apenas como um exemplo, de modo que tenho conhecimento que houve outras entidades sindicais, bem como partidos e políticos.

² A União Nacional dos Estudantes foi criada em 1937. Ver mais em <http://www.une.org.br/memoria/>.

³ Embora criados antes da Constituição de 88, que legalizou partidos, sindicatos e movimentos sociais. Estes foram duramente reprimidos durante os períodos da década de 30 até o final da década de 80. Inclusive muitos foram extintos.

Na UFRGS, foram criados vários centros acadêmicos, a Federação de Estudantes da UFRGS, a Associação de Servidores Federais – ADUFRGS (1978), e o Diretório Acadêmico dos Institutos Unificados – DAIU (ao final da década de 70).

Como imposição da Reforma Universitária Lei 5.540/68, os cursos de licenciatura foram divididos. Então, em 1977, o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH e outros foram removidos para o novo Campus do Vale, no bairro Agronomia, permanecendo no Campus Centro apenas um curso de licenciatura: o Curso de Pedagogia, criado juntamente com a Faculdade de Educação em 1971. E assim mais tarde nasce o Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação (Documentos guardados no DAFE registram seu funcionamento em 79).(FIM.)

Desde 1979 os estudantes têm lutado contra a repressão do Estado por democracia dentro da FACED, por um currículo flexível que forme educadores emancipatórios, pela educação pública com qualidade para os oprimidos, por espaços estudantis, entre outras bandeiras⁴. O DAFE tem sido, assim, o articulador destas lutas, e também um espaço de socialização e formação política, o local em que o estudante pode pensar, agir e falar livremente.

A Universidade defende certos interesses, que numa sociedade de classes são os interesses da classe dominante (Fernandes, 1995), de modo que na FACED/UFRGS não é diferente. Conseqüentemente os estudantes tornam-se os agentes da mudança, visando transformar a Universidade do povo para o povo. Neste sentido não será os docentes (sempre há as exceções), muito menos o Governo que transformará o ensino superior da/para a classe dominante para a classe proletária (os trabalhadores), cabendo à classe intermediária lutar pela universidade dos trabalhadores.

Por estes motivos, escolhi como objeto de pesquisa/reflexão o Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação⁵, buscando compreender **que sentido tem o DAFE hoje dentro da FACED?**

Problematizar o DAFE envolve refletir sobre a relação aluno x professor no Curso de Pedagogia, e também sobre as ideias que perpassam nas mentes estudantis de pedagogia referente ao que é, para que serve o Diretório da Educação, assim como a visão de seus membros e dos docentes. Compreendendo

⁴ Ver anexos de 1 a 5.

⁵ Fiz parte de três gestões do DAFE ao longo da minha graduação: 2009/2010 Lutar também é educar; 2010/2011; Lutar também é educar; 2012/2013; Pedagogia: primeira opção.

a complexidade do tema escolhido, tentarei ser o mais didática possível, evitando o 'militantês', trilhando caminhos em companhia dos autores FREIRE (2001, 2005, e 2006), FENANDES (1995) e GADOTTI (2008).

No capítulo **O SUJEITO DO/NO MOVIMENTO ESTUDANTIL EM PESQUISA**, busco problematizar a metodologia de pesquisa por mim utilizada enquanto membro da Gestão e pesquisadora.

Em **DAFE ↔ DISCENTES ↔ DOCENTES**, conto como entrei no DA, discuto a forma que se dá a relação estudante x docente no curso de Pedagogia, algumas ideias que perpassam as mentes estudantis e de professores, referente ao Diretório, e também sobre o estudante militante.

Na sequência, **PEDAGOGIA: PRIMEIRA OPÇÃO (EM SILÊNCIO)**, problematizo a atual gestão, com foco no resultado de um questionário eletrônico realizado com os membros e na sua atuação política.

Tratando-se de um trabalho de Conclusão de Curso, e não de uma tese de mestrado (ainda) terei que encerrar momentaneamente nossa conversa com algumas considerações finais (não necessariamente finais, mas é preciso acabar de alguma forma, não é?). Então, sem mais delongas, boa leitura!

2 O SUJEITO DO/NO MOVIMENTO ESTUDANTIL EM PESQUISA

O caminho que percorri, e que resultou neste trabalho que agora estás a ler, foi longo e cheio de reviravoltas, nem reto, nem curvo, tudo junto, com inúmeros recomeços, quase sem fim. Há um ano que busquei iniciar este trajeto, mas com uma temática diferente, acreditando que a escrita procede à leitura, o estudo teórico iniciou-se. Porém mudei de tema, e assim, ao longo deste período, troquei de temáticas, retornando ao zero infinitas vezes.

Nas férias deste ano – janeiro/fevereiro – procurando o regimento do DAFE (construído na década de 80), encontrei uma porção de documentos históricos do DA. Fiquei encantada, tudo aquilo era tão incrível⁶ que percebi a necessidade em escrever, analisar e refletir sobre todo aquele material. Contudo, era preciso definir o problema da pesquisa, aquilo que me guiaria, auxiliando-me nos recortes e nas análises, sem a perda do foco. Então, chegou o dia em que defini o problema⁷ crendo que estaria tudo resolvido. Trilhei o caminho do “de volta ao passado”, confiando na possibilidade de entender o hoje através do ontem, ou seja, a pesquisa centrou-se no período das décadas de 60 a 80, analisando a história da educação⁸ e o contexto econômico e político do Brasil. Essas leituras mudaram a minha vida, renovaram meu olhar sobre o mundo e meus pensamentos. Entretanto, mais uma vez, o rumo deste caminho mudou. Por que não buscar “respostas” problematizando o DAFE de hoje? Poderia eu ser, ao mesmo tempo, membro e pesquisadora da Gestão?

[...] acreditava-se então que em sua atividade investigativa o pesquisador deveria manter-se o mais separado possível do objeto que estava estudando, para que suas ideias, valores e preferências não influenciassem o seu ato de conhecer [...]. A evolução dos estudos de educação tem levado a perceber que não é bem assim que o conhecimento se processa [...]. O papel do pesquisador é justamente o de servir de veículo inteligente e ativo entre esse conhecimento acumulado na área e a novas evidências que serão estabelecidas a partir da pesquisa [...]. (Lüdke e André, 1986, p 4 e 5)

A pesquisa, como um instrumento de trabalho do educador, tende a qualificar seu trabalho, e não poderia ser o contrário em relação ao Diretório. “*Queremos é*

⁶ Eu já havia lido *Abaixo a repressão: Movimento Estudantil e as Liberdades Democráticas*. Bortot e Guimaraens, 2008.

⁷ Problema de pesquisa.

⁸ Giraldeleli, Saviani, Foracii (1965), Romanelli (1989).

aproximá-la da vida diária do educador, em qualquer âmbito que ele atue” (Lüdke e André, 1986.), deste modo, considerando-me educadora e o DA como um espaço de atuação, é possível ser membro-pesquisadora. *“Compreendendo a pesquisa como um trabalho que exige habilidades e conhecimentos específicos”* (Lüdke e André, 1986.) determinando o problema, os objetivos e a metodologia, promovendo o confronto entre todo material coletado e o conhecimento acumulado que tenho sobre o DAFE. Mas e a ética?

[...] É igualmente importante lembrar que, como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, **preferências**, interesses e princípios que orientam o pesquisador. Claro está que o pesquisador, como membro de um determinado tempo e de uma específica sociedade, irá refletir em seu trabalho de pesquisa os valores, os princípios considerados importantes [...], em outras palavras os pressupostos que orientam seu pensamento vão também nortear sua abordagem de pesquisa. (idem, p 3)

A realidade é que jamais nos foi possível separar quem somos quando pesquisamos, uma vez que a produção nunca foi neutra. Afirmo que o rumo a ser seguido é o proposto por FREIRE ao indicar o *sulear* como o sentido e a direção tanto das ações como dos discursos que pretendam estabelecer o diálogo emancipatório. Meu estudo é uma pesquisa séria e comprometida, envolvendo pré – projeto de pesquisa, e uma metodologia baseada nos conhecimentos que possuo sobre o DA, num questionário eletrônico⁹ abrangendo discentes, docentes e membros da gestão atual, assim como também nas observações. Em relação à observação como método de coleta de dados, os autores Lüdke e André (1986) salientam que *“(...) a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado (...), permitindo chegar mais perto da “perspectiva dos sujeitos” (...). Porém há variadas formas de observação, uma vez que variadas são as metodologias de pesquisa.”*

(...) O “participante como observador”, segundo Junker (1971), não oculta totalmente suas atividades, mas revela apenas parte do que pretende. (...) A preocupação é não deixar totalmente claro o que pretende, para não provocar muitas alterações no comportamento do grupo observado. (Junker apud Lüdke e André, 1986).

⁹ Embora tratando-se de questionário *online*, os participantes assinaram o termo de consentimento, conforme o modelo no anexo 6.

Todos os membros do DA estão cientes da minha pesquisa¹⁰, contudo, não têm conhecimentos das minhas análises. Outra fonte para elas foi a escuta, ou seja, todos os momentos em que estive no DAFE procurei estar atenta as falas dos membros e daqueles que no espaço entravam. Saliento que de tudo material analisado esta foi a fonte mais rica. Estes foram os caminhos que trilhei, e o resultado é este trabalho. Espero que o leitor e ou a leitora apreciem a leitura.

¹⁰ Ver o termo de consentimento no anexo 3.

“*Pane no sistema alguém me desconfigurou
 Aonde estão meus olhos de robô?
 Eu não sabia, eu não tinha percebido
 Eu sempre achei que era vivo
 Parafuso e fluído em lugar de articulação
 Até achava que aqui batia um coração
 Nada é orgânico é tudo programado
 E eu achando que tinha me libertado
 Mas lá vem eles novamente, eu sei o que vão fazer:
 Reinstalar o sistema
 Pense, fale, compre, beba
 Leia, vote, não se esqueça
 Use, seja, ouça, diga
 Tenha, more, gaste, viva
 Pense, fale, compre, beba
 Leia, vote, não se esqueça
 Use, seja, ouça, diga
 Não senhor, Sim senhor, Não senhor, Sim senhor
 Pane no sistema alguém me desconfigurou
 Aonde estão meus olhos de robô?
 Eu não sabia, eu não tinha percebido
 Eu sempre achei que era vivo
 Parafuso e fluído em lugar de articulação
 Até achava que aqui batia um coração
 Nada é orgânico é tudo programado
 E eu achando que tinha me libertado
 Mas lá vem eles novamente, eu sei o que vão fazer:
 Reinstalar o sistema
 Pense, fale, compre, beba
 Leia, vote, não se esqueça
 Use, seja, ouça, diga
 Tenha, more, gaste, viva
 Pense, fale, compre, beba
 Leia, vote, não se esqueça
 Use, seja, ouça, diga
 Não senhor, Sim senhor, Não senhor, Sim senhor
 Mas lá vem eles novamente, eu sei o que vão fazer:
 Reinstalar o sistema”*

Pitty – Admirável Chip Novo

3 DAFE ↔ DISCENTES ↔ DOCENTES

3.1 UMA BREVE HISTÓRIA

Registros escritos guardados no DAFE levaram-me a saber que, desde 1979, há estudantes ocupando este espaço, que é o Diretório Acadêmico. Eu o conheci ao final de 2009, durante as eleições para nova gestão 2009/2010. Inicialmente, não entendia o que era, o que fazia o DA, apenas tinha uma aversão àquilo que nem sequer conhecia, não entendia o tal “Fora Yeda”¹¹ encabeçado pelo Diretório (pensava: o que tem a Governadora do Estado com a Faculdade, que é uma instituição federal?; eles querem se promover politicamente para depois se candidatar a um cargo de vereador, ou sei lá qual!). Em alguns momentos considerava que o DA era “casinha de partido político”. Entretanto... Algo mudou... Quando isso mudou? O que levou-me a pensar de outro modo?

Começa assim:

Todo semestre passamos por uma semana de observação e outra de prática¹² (um mês entre uma e outra). Em 2009, por conta da epidemia de gripe A, as aulas reiniciaram mais tarde, o que nos levou a ir para a semana de observação, na semana seguinte ao recomeço das aulas. Então nós, estudantes (que sentíamos a necessidade de um preparo mais sólido), solicitamos aos professores que mudassem a data da semana de observação, todavia, não fomos ouvidos. Resultado: encontrei uma escola e acertei tudo para segunda-feira começar. No entanto, para minha surpresa, na segunda-feira à tarde fiquei sabendo que os professores se reuniram (reunião da COMGRAD-EDU) e decidiram outra data para a semana de observação. “Muita sacanagem!”. Aprendi ali que estudante é nada e o professor é o ser único detentor de todo poder dentro da FACED. Isso me levou ao DAFE, por entender que não era justo nos adaptarmos aos mandos e desmandos dos professores e acreditar que não devemos delegar a outros que lutem por uma necessidade que é minha, entrei, assim, para a gestão, buscando lutar para mudar a

¹¹ Campanha do CPERS e outros sindicatos e entidades conta a Governadora Yeda no ano de 2009, em prol da manutenção do plano de carreira, da implementação do piso nacional, contra a enturmação e o fechamento de escolas.

¹² Nos primeiros semestres 1, 2 e 3 é somente semana de observação, sendo a prática acrescida nos demais semestres.

forma como estudantes são vistos e tratados na FACED, ou seja, lutar para que estudantes e professores sejam iguais, acabando com a meritocracia e principalmente com a relação vertical vigente.

Passei deste modo a ver o DAFE como o único espaço em que os estudantes têm para agir, ter voz, ser homem¹³, para lutar por uma educação emancipatória, pública, gratuita, e com qualidade para todos na prática, e não somente reproduzindo discursos europeus lindos que ouvimos em sala de aula diariamente.

Todavia, o tempo foi ensinando-me que os fatos não são simples quanto pareciam, não era uma questão de chegar e falar aos colegas sobre o modo pelo qual o capital trabalha utilizando a alienação e repressão, e assim todos sairiam a lutar. O DA está imerso na sociedade sofrendo influências diretas das relações criadas pelo capital, nos induzindo a reprodução de discursos e ações ora acadêmicas, ora automáticas (aquelas já enraizadas em nós por conta de tudo que já vivenciamos). Percebi então o quanto lutar seria difícil, e que essa luta precisa ser coletiva e que não acontecerá em um ano de gestão. E principalmente compreendi que isso se dá pela razão do Diretório envolver discentes, docentes e membros da gestão numa relação direta de modos de ser, pensar e agir, mesmo que formalmente apenas alunos possam integrá-lo.

3.2 EDUCAÇÃO BANCÁRIA NA FACED¹⁴?

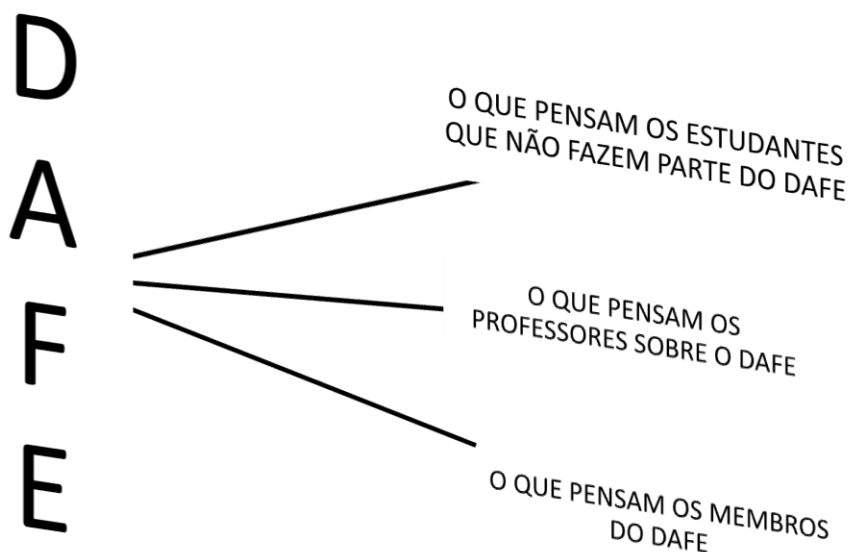
Acredito que o DAFE é composto por uma cadeia quase imperceptível, composta por membros da gestão, discentes e docentes:

¹³ (...) um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz (...) é exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, a qual está associada sua capacidade de refletir, que o faz um ser da práxis. (FREIRE, 2006).

¹⁴ (...) A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vai “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor o educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educados serão.

Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar em que os educandos são os depósitos e o educador o depositante.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação [...] (FREIRE, 2005).



E esta cadeia tem por trás a relação professor x aluno no curso de Pedagogia. Deste modo, faço agora algumas problematizações a respeito desta cadeia:

- I. A relação estudante x professor na FACED;
- II. A visão dos docentes e alunos em referente ao DAFE;
- III. O estudante militante.

3.2.1 Relação aluno x professor

A Universidade, assim como todo o sistema educacional, sofre as influências (as determinações) da ditadura do capital, seguindo os ditames de organizações internacionais como, por exemplo, o Banco Mundial, ainda que a maioria dos docentes tente nos convencer de que isto apenas acontece nas escolas. O mito da *universidade neutra, alheia às influências econômicas e políticas*, baseado na ideia da “ciência neutra”, do “conhecimento neutro, puro e verdadeiro”, tem basilado a Universidade como o centro da neutralidade.

Nenhuma ação é neutra. Em educação não existe ingenuidade.
Albuquerque, Paulo.

Dentre os inúmeros mitos sociais que nos circundam, o da “ciência neutra” ainda é bastante difundido dentro e fora da Universidade. Apesar disso, algumas fendas começaram a mostrar o contrário. Que fendas seriam estas?

Destaco aqui o movimento estudantil e dos servidores federais que, em busca de uma educação igualitária, gratuita para todos e por melhores condições de trabalho, provou que não existe neutralidade educacional. Nenhuma ação ou discurso é neutro, e, neste caso, a Universidade serve a interesses de uma classe, esta não é a dos trabalhadores, então sobra apenas uma: a dominante (ou como no popular: os ricos, a burguesia, a elite). Se a Universidade serve a classe dominante, isto inclui as unidades (aqui a FAGED) que a compõe, não demora a chegar ao óbvio: numa faculdade que serve à burguesia, pode haver uma educação emancipatória¹⁵?

Possivelmente que não (há exceções), portanto, a educação que temos na FAGED¹⁶ é, sem dúvida, a educação bancária¹⁷. Isto mesmo! Bancária! Aquela em que o aluno que nada sabe (tabula rasa) recebendo do professor (o doutor da verdade) todo o ensinamento único e verdadeiro, sendo assim “(...) se o educador é o que sabe, se os educandos são os que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. (...)” (Freire, 2005).

Quanto mais analisamos as relações educador-educandos, (...) em qualquer de seus níveis, parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente *narradoras, dissertadoras*.

Narração de conteúdos que, por isso mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica um sujeito – o narrador – e os objetos pacientes, ouvintes – os educandos. (FREIRE, 2005, p. 65 – grifos do autor.).

Não posso esquecer-me de mencionar o caminhão de leituras europeias dos fichamentos, resenhas, relatórios, ensaios que produzi por uma nota. Sim! A

¹⁵ Refiro-me ao conceito de Paulo Freire, ver mais em *Pedagogia do Oprimido*, 2005.

¹⁶ Como mencionado na introdução a FAGED, assim como o curso de pedagogia foi criado em 1971, resultado da Reforma Universitária Lei 5.540/68.

¹⁷ (...) O educador se põe frente aos educandos como sua antinomia necessária. Reconhece na absolutização da ignorância daqueles a razão de sua existência. Os educandos, alienados por sua vez, a maneira do escravo na dialética hegeliana, reconhecem em sua ignorância a razão da existência do educador, mas não chegam, nem sequer, ao modo de escravo naquela dialética, a descobrir-se educadores do educador. (...) Na concepção “bancária” (...) a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade da opressão, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação bancária” mantém e estimula a contradição. (FREIRE, 2005).

faculdade nos impõe, assim como a escola, o viver para passar por ela mesma, de modo que tudo se resume ao conceito final – o famoso A –, não produzimos conhecimentos, reproduzimos teorias, copiamos discursos, nos enquadrados na faculdade que ensina a encaixar alunos dentro de uma sociedade movida pelo capital.

(...) a narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conceito narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vai “enchendo” os recipientes com seus depósitos, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão.

Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar em que os educandos são depositários e o educador o depositante.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. (FREIRE, 2005, p. 66).

Freire (2005) não poderia melhor descrever o modo que se deu minha formação no curso de Pedagogia. Considerada aluna, deixei de ser adulta no momento da matrícula e passei a ser aquela que nada sabia sobre educação, sem direito a sentir dor, ficar cansada, participar de eventos dentro e fora da FACED no horário de aula, tendo como obrigação chegar sempre na hora, ler todos os textos que o professor mandar, entregar todos os trabalhos na data certa com as devidas reproduções dos autores selecionados pelo sábio doutor professor. Inclusive, a idade não é levada em conta, como no caso da colega de 62 anos que é tratada como uma criança que acaba de entrar na escola sem conhecimentos sobre o mundo, cabendo apenas a aprender tudo aquilo que os mestres têm a ensinar. Como atuar no Diretório Acadêmico sendo um ser sem luz? Como eu, que nada sei, posso querer ter voz? Ou um espaço?

A resposta é simples: fingindo. “*O estudante finge que aprende e o professor finge que ensina*”. Este é o modo que agem os docentes da FACED em relação ao DAFE, aparentam nos respeitar e nos apoiar em alguns momentos, mas na prática diária continuam a tratar-nos como seres inferiores sem direitos - apenas deveres.

Vou exemplificar. A começar pela representação discente. A faculdade assim como a Universidade funciona através de micro núcleos formando uma rede de burocracia, cujo objetivo vem lá da Reforma Universitária. Portanto, a FACED é composta por departamentos: DEE, DEBAS, e DEC; e comissões: COMGRAD, COMEX, COMPESQ, e a COMPÓS, e o maior de todos: o CONSUNI. Em cada um

destes setores, um estudante pode fazer parte tendo direito à voz e voto, num mandato de um ano, sendo este eleito por seus pares, ou seja, membro do DAFE.

Temos assim espaços “paritários” – dez professores e um aluno – e democráticos, em que o estudante se sente muito à vontade para defender seus colegas, não importando o fato dele não ser considerado quórum, não receber todas as informações que recebem os demais membros, não podendo compor a pauta, de modo que, ao levar algum tema estudantil a ser discutido, sempre é o último, e ainda ouve as sugestões docentes para deixar a questão para outro momento. *Estes setores funcionam por votação*, conseqüentemente nós já sabemos que a probabilidade de vitória nestes espaços é zero.

Vejamos também o mais recente fato: A 33ª SEMANA ACADÊMICA DA PEDAGOGIA. No calendário organizado pela Reitoria consta a Semana Acadêmica, esta é organizada pelos estudantes – o DAFE –, e o que acontece, ano após ano, é o desrespeito dos docentes em relação a este período¹⁸. Desconsideram completamente nosso trabalho, não liberam os alunos, não os incentivam à participação e apresentação de trabalhos, não liberam as salas de aula para nossa utilização, e ainda falam negativamente a nosso respeito em sala de aula.

Em 2013, mais uma vez a cena se repetiu, embora desde março eu tenha defendido a Semana Acadêmica no CONSUNI, e meus colegas na COMGRAD, e na COMEX, ainda que tenha sido entregue o Manifesto e tenhamos conversado com a Direção, nada serviu. Os docentes (não se refere a todos) deram aula, trabalho e até mesmo prova durante a semana, desrespeitando até mesmo a portaria emitida pela Reitoria: *“Período estabelecido para valorizar a realização de atividades acadêmicas na Universidade como um todo ou especificamente nas unidades, tais como salões acadêmicos, palestras, seminários e fóruns. Sugere-se que os estudantes sejam liberados para apresentação de seus trabalhos. Estarão vedadas atividades de avaliação formal dos alunos, neste período”*. E houve docentes que nos difamaram em sala de aula, nos ameaçaram, abusando de todo o poder que lhes é de direito, de toda a influência que têm sobre os alunos para nos desconstruir, *“eles estão acostumados com alunos passivos, que sabem baixar a cabeça para tudo que eles dizem”* diz uma aluna do 5º semestre. Mas neste período mais uma novidade iria

¹⁸ Ver no anexo 2 o manifesto pró Semana Acadêmica lido e entregue a todos o docentes do CONSUNI dia 27 de abril de 2013.

atingir a FACED e explodir a falsa relação professor x aluno do curso de Pedagogia: o espaço do bar.

Quando foi criada a Faculdade de Educação há 42 anos, os três primeiros andares acima da biblioteca foram pertencentes ao Colégio de Aplicação (que ao final da década de 90 também foi transferido para a entrada do Campus do Vale). O espaço destinado ao bar, que já foi sala de aula das Alfas, por um ano foi do diretório acadêmico, até a sua instalação. E agora com a sua saída, ele voltou a ser da FACED. A gestão atual do DA por entender a necessidade de um espaço estudantil maior que possa vir a ser quem sabe um centro de vivências e arte, iniciou um abaixo assinado manifestando o interesse no espaço.

Para nossa surpresa essa ação caiu como uma bomba na Faculdade, e liquidou toda aquela simulação de respeito, nos levando a bater de frente não somente com a Direção, mas também com cada docente do Curso, a ponto de um docente nos dizer que caso conquistemos o espaço ele irá se demitir.

(...) o educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. (...) O educador se põe frente aos educandos com sua autonomia necessária. Reconhece na absolutização da ignorância daqueles a razão de sua existência. (FREIRE).

“Primeiro ele gritou com minhas colegas, exigindo algo que naquele momento elas não tinham condições de fazer, depois gritou comigo na frente de todos. Mas eu revidei e gritei também” aluna do 5º semestre. Esta fala rompe com a o véu da maravilha, da neutralidade, da “igualdade” e “respeito” que há tempos os docentes da Faced simulam ter em relação ao modo como educam os alunos que serão futuros professores. E neste momento a educação bancária é questionada, não por todos, mas por poucos que não aguentam ficar na caverna vivendo de sombras, estes querem tomar o poder sobre si mesmos, estes ser homens e mulheres - adultos e adultas.

“Os homens são capazes de agir conscientemente sobre a realidade objetivada” (FREIRE, ano), porém, isso não ocorre quando são domesticados através da educação bancária, sendo assim, ao invés de problematizar a realidade, de criar, apenas reproduzem discursos, trabalham com o objetivo de garantir o A ao

fim do semestre, se matriculam buscando apenas o diploma. A Faced como uma confeitaria de bolos, não permite que nada “saia da forma”, contando inclusive com a alienação dos educandos para eliminar os focos de resistência.

É preciso ir além nesta reflexão. *Quem é o aluno principal da Faced? A MULHER. Sabemos que historicamente nos adequamos na forma que nos determina como: fracas, sensíveis, obedientes, histéricas, fúteis, nascidas para ser mãe e dona de casa. Como é a sociedade em que se encontra a Faced? Opressora, machista e capitalista. Qual a razão da educação numa sociedade capitalista? Domesticar. Qual o papel ou a função da universidade? Manter a ordem vigente, ou seja, a ordem do capital. Então será que a Faced é diferente de tudo isso? Será ela produtora ou reprodutora de conhecimentos?*

Educação para emancipação do homem, por quê? Educação libertária? Conscientização¹⁹? O que aconteceria se a FACED formasse professores conscientes, educadores formadores da liberdade?

3.2.2 “Alunos” (sem luz) ou estudantes?

A alienação dos educandos que não conseguem se libertar da alienação do trabalho, do consumismo desenfreado, do individualismo, garante aos docentes sua manutenção de poder.

(...) Uma vez que estar imersos nesta realidade opressiva impede-lhes uma percepção clara de si mesmos enquanto oprimidos. A este nível, sua percepção de si mesmos como contrários ao opressor não significa, ainda que se comprometam numa luta para superar a contradição: um polo não aspira à sua libertação, mas a sua identificação como polo oposto. (FREIRE).

Assim, o estudante da FACED reconhece o abuso de poder docente vigente, no entanto, acredita que o caminho para mudar esta situação é tornar-se o opressor,

¹⁹ (...) a conscientização implica, pois, que ultrapassamos a esfera espontânea de apreensão da realidade. Para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica.

A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se desvela a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em estar à frente da realidade, assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da práxis, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. (...) (Freire, 2001).

neste caso o professor de uma turma, “(...) para eles, o homem novo são eles mesmos, convertidos em opressores. Sua visão é individualista, por causa de sua identificação com o opressor: não tem consciência de si mesmos enquanto pessoas, enquanto membros de uma classe oprimida. (...)” (FREIRE, 2001).

Em sua alienação, os oprimidos querem, a todo custo, se parecer com o opressor, imitá-lo, segui-lo (Freire), por isso quando um estudante ou um grupo de estudantes gera uma rachadura na relação opressor/professor x oprimido/aluno, os próprios colegas tratam de desconstruir qualquer tentativa que possa vir a mudar esta relação. E nesta relação o DAFE é visto como algo distante dos alunos, embora ele seja um espaço estudantil. Em alguns casos é visto como o advogado dos estudantes que não tem coragem de enfrentar o seu opressor. Para muitos é um espaço não legítimo, pois não é bem visto pelos docentes da FACED. Em outros momentos, é a lojinha de camisetas, bolsas, moletons e tris²⁰. Poucos são os estudantes que se sentem à vontade para entrar na sala do DA, e ali ficar e curtir. Alguns o usam como guarda-volumes, outros como espaço político para cooptar novos membros para partidos políticos. E tem aqueles que compreendem o Diretório como um espaço não só de integração estudantil, mas, e principalmente, como um espaço de luta.

3.3 LUTAR TAMBÉM É EDUCAR

Lutar pelo quê? Por que lutar se a “ditadura” acabou? Sei que parece loucura o que vou dizer, mas tudo o que conheces como direito, não foi algo nos dado de presente, e sim conquistado com muita luta – os direitos trabalhistas, os direitos da criança e do adolescente, os direitos da mulher, a “igualdade” racial na lei, o direito à educação – tudo resultado da luta.

“O estudante brasileiro precisa reinventar a universidade. Não pode esperar que a universidade burocrática o faça espontaneamente (...)” (GADOTTI, 2008), porque esta serve apenas aos interesses da minoria. As massas trabalhadoras, que mantêm a universidade, não se beneficiam dela, uma vez que ela é fechada em si mesma, burocratizada, aplicando mal os seus recursos (GADOTTI, 2008). Eis a razão pela qual a nossa luta justifica-se (embora ao compreender isso, nossas

²⁰Nosso vale transporte.

bandeiras acabam por extrapolar as amarras da universidade) por entender que estamos sob o regime do capital, e que é preciso lutar por uma educação emancipatória, pública, gratuita, integradora, não excludente para todos aqueles que, desde a criação da sociedade de classes, têm seus direitos negados.

(...) é necessário que o estudante universitário se conscientize de que a universidade é dele, de que aí não é apenas o lugar onde ele passa algumas horas por dia durante alguns anos. É o lugar que, *sem ele*, não tem sentido. Tudo aqui deve ser feito por ele e *com ele*. Conscientizar-se de que uma nova universidade não será de tal reitor ou de um grupo de tecnocratas. (...) Todos (inclusive os funcionários) devem sentir-se responsáveis pela direção da universidade. O projeto de uma *nova universidade*, que sirva aos estudantes e a população como um todo, e não apenas à burguesia, deve partir deles e envolver a todos (...). (Gadotti, 2008, p. 121 – grifos do autor).

Embora a Faced seja burocratizada, muita coisa pode ser feita dentro dela, ou seja, pequenas rachaduras são possíveis, estas são as brechas descritas por Antonio Gramsci. Por isso ainda lutamos, por isso é preciso que exista DA's, pois ainda há porque lutar. A força estudantil, é a vida dentro da universidade, é a ponte entre a sociedade e os conhecimentos acadêmicos, é a faísca da transformação. Estamos caminhando em direção a mudança, porém *mudança qualitativa* só será possível mediante *esforços quantitativos* constantes no sentido da organização das associações que lutam no interior da universidade: centros, diretórios, associações. (GADOTTI, 2008).

Todavia, quando o estudante não se percebe como o agente da transformação na universidade, acaba por se manter no lugar em que os docentes lhe reservam: um lugar de obediência, silêncio, reprodução da disciplinarização de corpos e mentes. Isto acontece porque o oprimido admira o opressor, entendo que a libertação se dará na troca de lugar, em que ele deixe de ser aluno e passe a ser o professor.

Dentro da faculdade há um costume em criticar negativamente o ensino público estadual do RS: “professor é opressor”, é “preconceituoso”, “o professor precisa dar conta de tudo o que acontece dentro e fora da sala de aula”, “o professor não tem conhecimentos”, “quando eu for para sala de aula, farei tudo diferente”, “o aluno é tratado como um nada”, “as relações de poder que se dão em sala de aula e na escola são desiguais”, etc. O engraçado é que algumas destas situações

acontecem diariamente dentro da FACED, e não são percebidas pelos discentes. Como se ela estivesse à parte de tudo, como se ali fosse um adendo na sociedade. Um lugar em que não existem relações de poder, em que os alunos são tratados de igual para igual como seres adultos, um lugar neutro e feliz.

Bem sabemos que não é assim, uma vez que somos educadas sob a ótica da educação bancária, portanto a tendência é que sejamos reprodutoras do que vivemos diariamente, e não do que lemos (pois as leituras nos instigam a fazer o inverso). E isso não poderia ser diferente com os membros do DA, que lá estão por inúmeros motivos: fazer amigos, se fazer ouvir, ganhar pessoas para compor partidos políticos, fazer festas, ser representante discente, fazer a semana acadêmica, poder reclamar dos professores, e muitos outros motivos. Não tendo a consciência do lugar que se ocupa numa educação pró-capital, os membros do Diretório podem vir a perpetuar as amarras, deixando-se levar pela burocracia excessiva, pela alienação, pelo medo de romper com esta relação opressora, de modo a ter resultados que venham a prejudicar sua situação de aluno. Quando os membros não têm claro para si os motivos que o levam a compor uma gestão no DAFE, o resultado pode ser diferente daquilo que Gadotti nos diz.

Entretanto é preciso entender que o espaço DAFE é uma coisa, e gestão é outra. Quer dizer que pode num determinado tempo a gestão ser partidária e num outro pode ser o diferente, como no caso da gestão “Pedagogia: primeira opção”²¹.

²¹ Gestão 2012/2013.

4 PEDAGOGIA: PRIMEIRA OPÇÃO (EM SILÊNCIO?)

4.1 O QUE DIZER

Depois de um tempo militando no ME, comecei a sonhar com um Diretório, não feito por uma gestão, e sim por todo estudante do curso, um DA sem a política da representatividade. Possível? Não sei. Queria um DA que promovesse espaços de formação política, momentos de integração e, não menos importante, um setor estudantil pra lutar. Entender que este sonho trata-se de um projeto coletivo e gradativo, me leva a questionar sobre a sua possível realização, e principalmente compreender que os projetos podem ser pensados e articulados do melhor jeito possível, com as melhores intenções, no entanto, a realidade nos leva a outros caminhos, nos ensinando que, ao envolver pessoas, dificilmente o plano irá sair como um *xerox* tal qual foi planejado.

Todos compreendemos o quão difícil é fazer trabalho em grupo, o que dizer quando se trata de gerir um espaço estudantil em grupo?

Aprendi no ME que embora DA, CA, DCE, Executivas de Cursos sejam entidades de luta, dentro delas há a constante disputa política ideológica, de modo que sempre estamos a postos a defender nossas concepções trabalhando para convencer os demais e assim ganhar a disputa. E quando uma gestão é grande abrangendo um grupo político diverso como no caso da atual gestão, o resultado é um DAFE burocrático e em silêncio.

4.2 SILÊNCIO E SILENCIAMENTOS

O que tens a dizer sobre o Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação?
O que tens a dizer sobre a relação aluno x professor no Curso de Pedagogia? Duas perguntas e um silêncio geral. Nenhum membro da atual gestão respondeu ao questionário eletrônico. O que isso diz? Que razões tiveram os membros para não responderem? Vejamos algumas hipóteses:

1ª falta de tempo, uma vez que a academia nos consome com elevado número de trabalhos, leituras e provas;

2ª falta de tempo por questões pessoais;

3ª esquecimento;

4ª por tratar-se de algo não relevante;

5ª por não compreender as razões de estar num Diretório, entendo para que ele serve, e também por jamais ter refletido sobre a relação aluno x professor no curso de Pedagogia;

6ª por não reconhecer a importância do processo e da pesquisa;

7ª todas as hipóteses anteriores.

Não é possível acreditar que estas hipóteses estão soltas e solitárias, é preciso entender que elas são o resultado de um contexto em que o capital tem se utilizado de variadas formas para não sucumbir à crise iniciada na década de 70, em que gerou a reestruturação do trabalho e, também, de ideologias e políticas.

(...) Opondo-se ao contra poder que emergia das lutas sociais, o capital iniciou um processo de reorganização das suas formas de dominação societal, não só procurando reorganizar o processo produtivo em termos capitalistas, mas procurando gestar um projeto de recuperação da hegemonia nas mais diversas esferas da sociabilidade. Por exemplo, no plano ideológico, isso foi feito através de um culto de *subjetivismo* e de um ideário fragmentador que faz apologia ao individualismo exacerbado contra as formas de solidariedade e de atuação coletiva e sócia (...). (Antunes, 2002, p. 24 – grifos do autor).

Este é o contexto social vigente no qual fazem parte os membros da atual gestão, portanto não é surpresa concluir que há neles um grau de alienação (tratando-se de alienação, podemos verificar inúmeros graus na sociedade), neste ciclo estruturado pelo capital que extrapola o ambiente de trabalho, incluindo desempregados, estudantes, enfim, todos nós.

(...) múltiplas fetichizações e reificações poluem o mundo do trabalho, com repercussões na vida *fora do trabalho*, na esfera da reprodução societal, onde o consumo de mercadorias, materiais ou imateriais, também está em enorme medida estruturado pelo capital. Dos serviços *públicos* cada vez mais *privatizados*, ao turismo, onde o tempo livre é instigado a ser gasto no consumo dos *shoppings*, são enormes evidências *do domínio do capital na vida fora do trabalho*. Um exemplo ainda mais forte é dado pela necessidade crescente de *qualificar-se melhor e preparar-se* mais para conseguir um emprego (...). (Antunes, 2002, p. 40 – grifos do autor).

Inegável dizer que chegamos a universidade buscando um certificado que talvez venha a nos garantir um emprego que pague mais que um salário mínimo

(poucos são os casos contrários) e deste modo o membro que é aluno (sem luz, sem voz, passivo, que nada sabe sobre educação) numa Faculdade em que a educação é bancária poderá vir a silenciar afirmando a cultura do silêncio.

(...) a cultura do silêncio (...) é uma expressão superestrutural que condiciona uma forma especial de consciência, (...) sobredetermina a infraestrutura de onde brota. (...) ela é o resultado de relações estruturais entre os dominados e o dominador. (...) refletem o contexto social amplo, mesmo sob o aspecto pessoal, e suprem que os dominados assimilem os mitos culturais do dominador. (Freire, 2001, p. 74-75).

Não que isto sirva de justificativa para o silêncio da gestão, entretanto ajuda a compreender a situação. Numa sociedade tomada pelo consumismo, pela disputa de poder, em que ter é superior ao ser, não poderia esperar um grau elevado de politização dos membros, até porque isto não é dado a priori, e sim consequência de estudo e experiência de lutas.

4.3 DAFE 2012 – 2013

*“Não adianta olhar pro céu, com muita fé e pouca luta
Levanta aí que você tem muito protesto
pra fazer e muita greve, você pode, você deve, pode crer...”*
Gabriel, o Pensador.

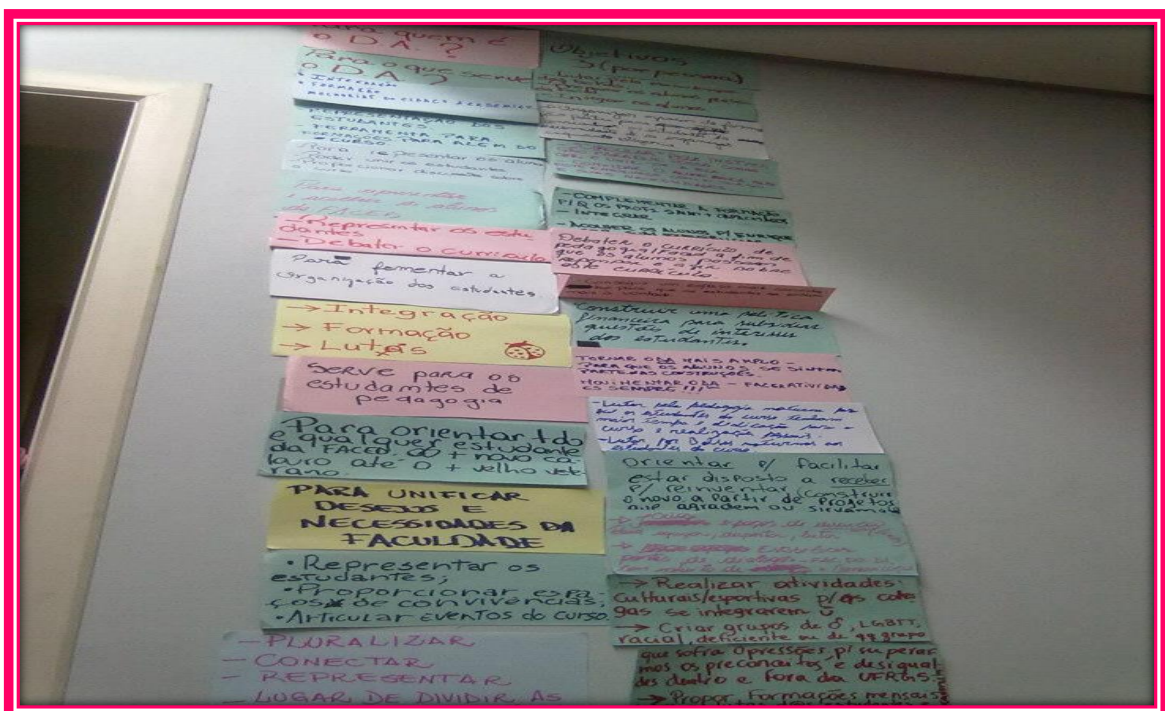


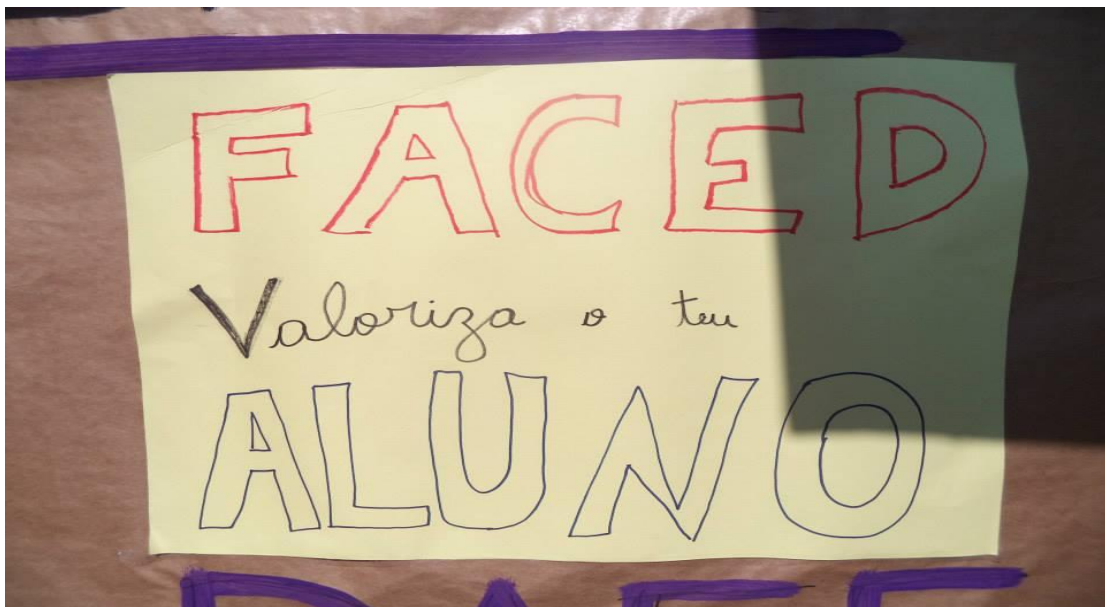
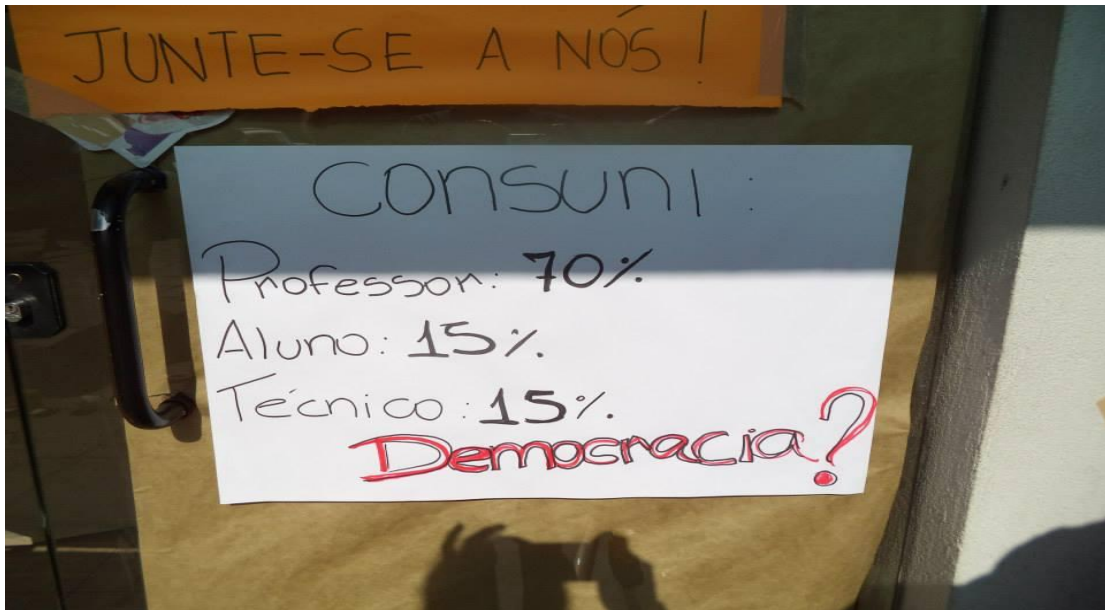
Foto tirada na primeira reunião de organização da chapa Pedagogia: primeira opção, em que os membros escreveram a resposta aos seguintes questionamentos: o que é um DA? Para serve um DA? Realizada na Casa do Estudante em outubro de 2012.

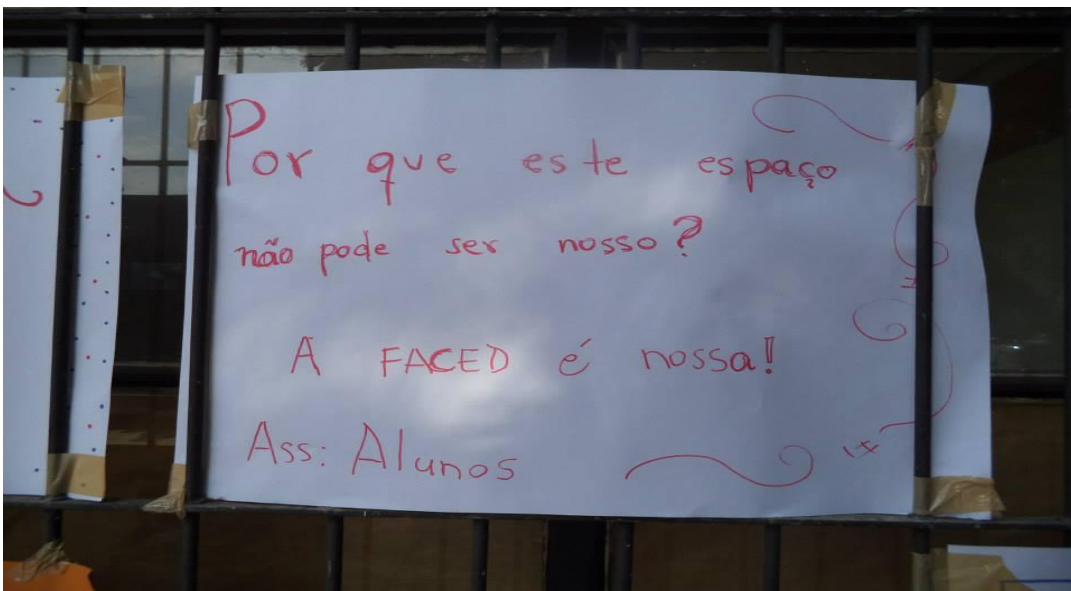
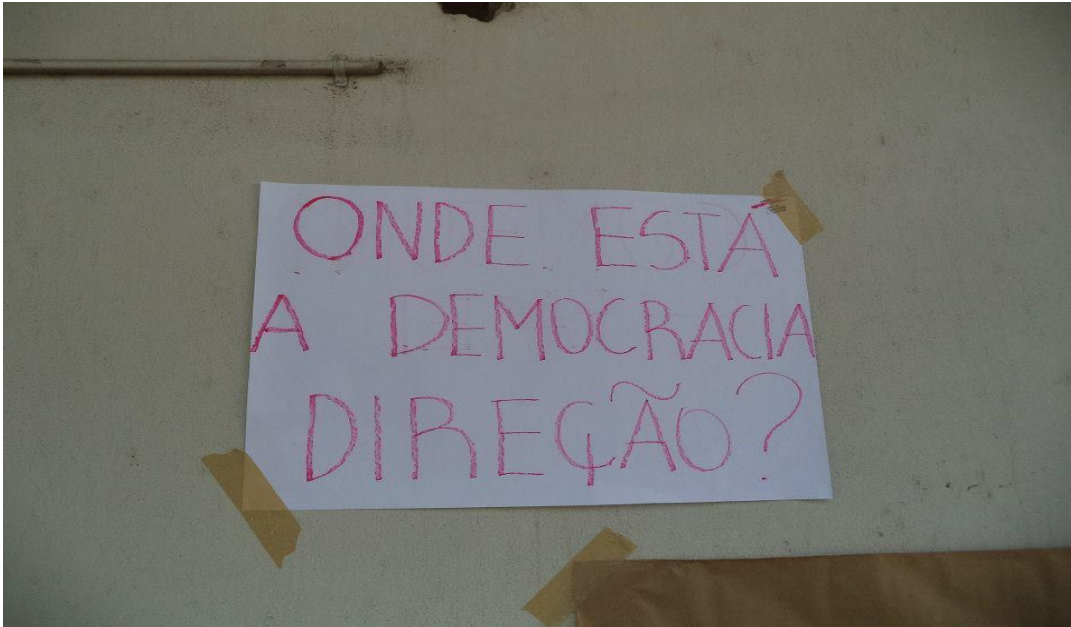
A ideia de umdar o que conhecíamos por DAFE uniu um grupo de estudantes, criando uma das gestões mais diversificadas que o próprio movimento estudantil ainda não tinha visto. Uma gestão composta por militantes do PT, do PCdoB, do PSOL, da Juventude Livre e da UNE, bixos e veteranas independentes. Este grupo gerou a descrença de Diretórios e do próprio DCE, no entanto, este mesmo grupo criado da esperança na mudança, gerou uma crença, uma confiança e torcida da base.

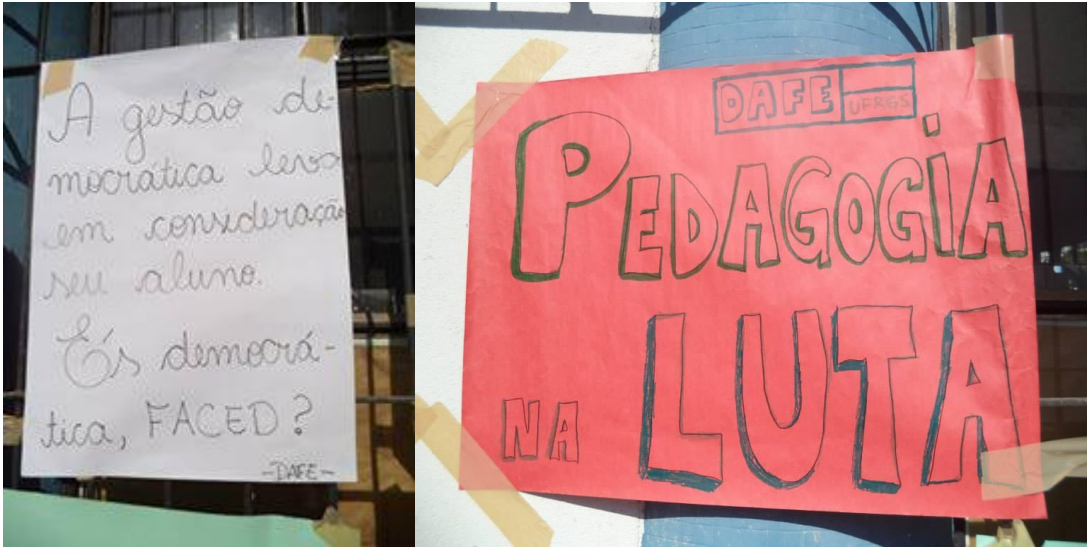
Jamais havia visto o DA tão próximo à base. E aqui posso dizer que a exatidão burocrática (a conquista do bolsista que o mantém aberto todas as manhãs, a venda das camisetas, bolsas e moletons, a confecção da carteira escolar) transformou o Diretório, as portas sempre abertas o tornaram num espaço de socialização. Entretanto, o DAFE também não é um espaço de formação política? Digamos que a formação política é o “calcanhar de Aquiles” desta gestão, que ainda não conseguiu realizar formações internas e externas, em que demandas vindas da base passaram despercebidas, como o caso do atraso das bolsas no fim de 2012 e o episódio da expulsão de seis alunas da sala de aula, e também os casos de propostas de ações mais politizadas que simplesmente nem sequer foram discutidas.

Atualmente percebe-se um engessamento da gestão que não discute política, calando em vários momentos. Inclusive, usando das relações pessoais como justificativa para inércia política. Saliento que a(o) estudante do curso de Pedagogia tem um perfil diferenciado: extremo comodismo e individualismo, incluindo o pensamento apolítico, isto dificulta um movimento estudantil dentro da FACED, o que abre um vasto campo para que partidos políticos possam apropriar-se do Diretório (historicamente isso vem acontecendo desde a criação do DAFE), e quando ocorre o contrário, como no caso atual, ele transforma-se num espaço burocrático.

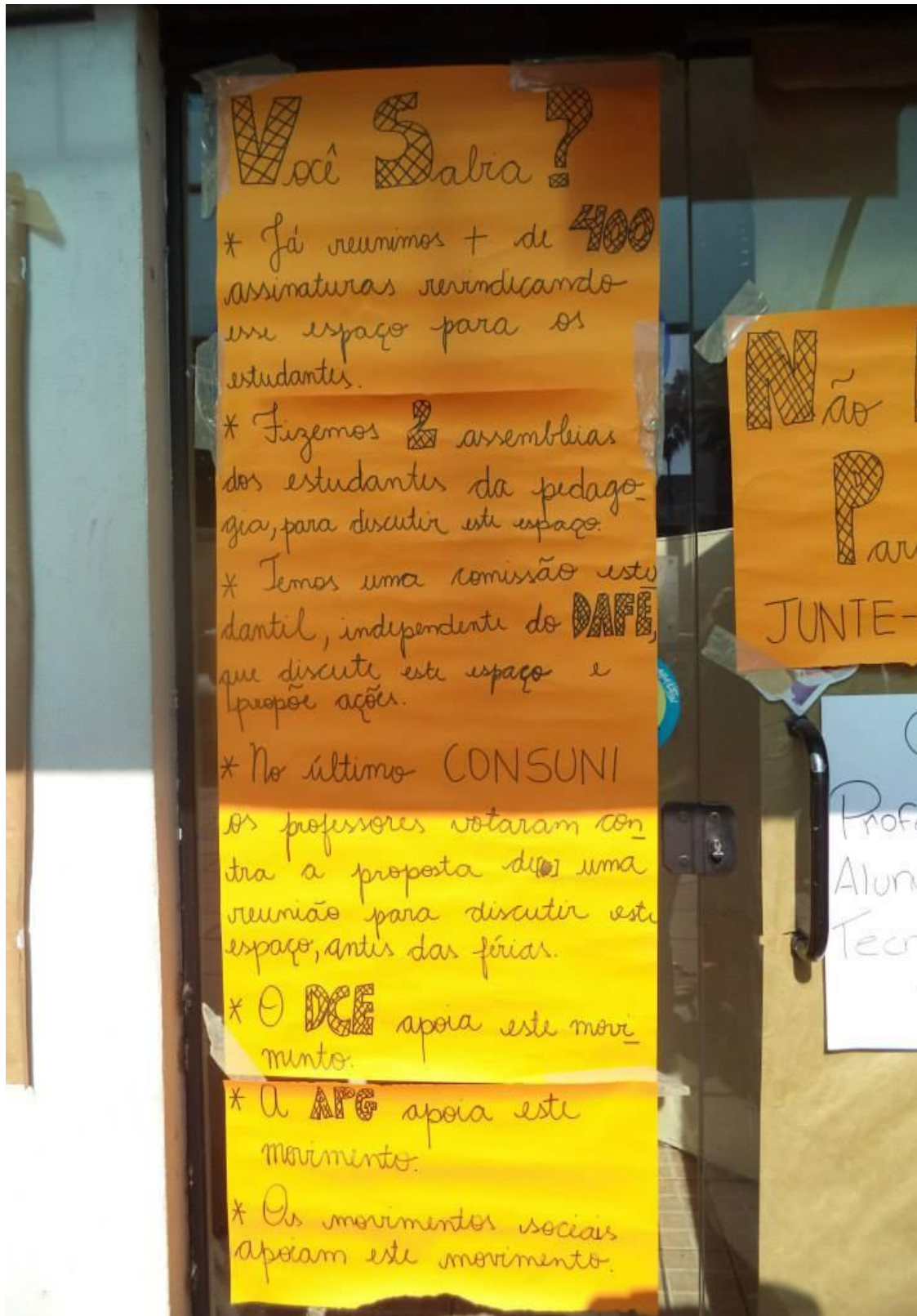
Entretanto, um bar pode fazer a situação mudar, e estudante, então, não mais nega a realidade, entendendo que a universidade é dele, que é preciso equilibrar a relação vertical existente entre aluno x professor na Faculdade de Educação.







Não sabemos no que a luta irá resultar, no entanto, a oportunidade política que temos para conscientizar os estudantes sobre as relações de poder vigente na faculdade e na sociedade, sobre a importância da luta contra as amarras do capital, momento para um trabalho de libertação da alienação. Somente o oprimido/aluno pode lutar para liberta-se, porém isso não é algo imposto, é preciso ser sentido e compreendido, do contrário ele tende a repetir as ações do opressor/docente.



O trabalho não é fácil e exige disciplina, não havendo receitas, necessitando de coragem e paciência, uma vez que libertamos nossa consciência, ainda vivemos num mundo dominado pelo capital. E, muitas vezes, conseguimos discursar sobre a

conscientização e libertação com práticas opressoras (o que é bem frequente no ME), não podemos mais continuar agindo com os olhos semiabertos, precisamos continuar, por mais difícil e cansativo que seja o caminho da emancipação. Esta é a essência da existência do Diretório: a luta contínua pela emancipação de consciências.

<http://www.youtube.com/watch?v=gxGrlpHAUo&feature=youtu.be>





"Bebida é água!
 Comida é pasto!
 Você tem sede de que?
 Você tem fome de que?..
 A gente não quer só comida
 A gente quer comida
 Diversão e arte
 A gente não quer só comida
 A gente quer saída
 Para qualquer parte...
 A gente não quer só comida
 A gente quer bebida
 Diversão, balé
 A gente não quer só comida
 A gente quer a vida
 Como a vida quer...
 Bebida é água!
 Comida é pasto!
 Você tem sede de que?
 Você tem fome de que?..
 A gente não quer só comer
 A gente quer comer
 E quer fazer amor
 A gente não quer só comer
 A gente quer prazer
 Pra aliviar a dor...
 A gente não quer
 Só dinheiro
 A gente quer dinheiro
 E felicidade
 A gente não quer
 Só dinheiro
 A gente quer inteiro
 E não pela metade...
 Bebida é água!
 Comida é pasto!
 Você tem sede de que?

Você tem fome de que?..
 A gente não quer só comida
 A gente quer comida
 Diversão e arte
 A gente não quer só comida
 A gente quer saída
 Para qualquer parte...
 A gente não quer só comida
 A gente quer bebida
 Diversão, balé
 A gente não quer só comida
 A gente quer a vida
 Como a vida quer...
 A gente não quer só comer
 A gente quer comer
 E quer fazer amor
 A gente não quer só comer
 A gente quer prazer
 Pra aliviar a dor...
 A gente não quer
 Só dinheiro
 A gente quer dinheiro
 E felicidade
 A gente não quer
 Só dinheiro
 A gente quer inteiro
 E não pela metade...
 Diversão e arte
 Para qualquer parte
 Diversão, balé
 Como a vida quer
 Desejo, necessidade, vontade
 Necessidade, desejo, eh!
 Necessidade, vontade, eh!
 Necessidade."

Comida – Titãs.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pergunto-me se minha escrita ficou clara e coesa, há tanto a ser dito, tudo está tão interligado que não foi fácil escrever tendo que deixar muitos conhecimentos de fora. E ainda há o medo referente ao que os membros da banca examinadora irão pensar ao ler meu TCC. Fazer do DA meu objeto de estudo foi o mais difícil que já fiz ao longo da graduação, porém não me arrependo, a pesquisa que resultou neste trabalho me transformou, digo que os autores que li foram meu professores do oitavo semestre, aprendi muito com eles. Minha mente foi a lugares até então impensados por mim.

Entendo agora que a Universidade/Faculdade é um dos braços do capital cujo objetivo é também docilizar mentes fornecendo lideranças (mão de obra) para o mercado de trabalho, uma vez que numa sociedade de classes um diploma de nível superior pode vir a garantir uma posição elevada dentro da empresa/e escola. Dizem pelos corredores que a os ensinamentos facedianos não vão ao encontro da realidade escolar, mas eu digo o contrário, percebo que há anos a Faced tem tido êxito na formação de professores acomodados, numa relação vertical e meritocrática.

Portanto, cabendo a nós: os estudantes a lutar por uma Universidade para o povo trabalhador. Pois, "ou os estudantes se identificam com o destino do seu povo, com ele sofrendo a mesma luta, ou se dissociam do seu povo, e nesse caso, serão aliados daqueles que exploram o povo." (Florestan Fernandes)

Importante dizer que não menosprezo a formação que tive, pelo contrário, o trabalho aqui realizado é fruto desta formação, o diferencial é que escolhi outros caminhos. E quanto ao DAFE tudo é um processo, a gestão atual é nova e assim como eu, ainda há muito a ser aprendido e vivido. O que não pode acontecer é deixar reinar o silêncio por muito tempo, a inércia fortalece o dominador. Pertencemos a classe oprimida, sendo que o caminho para libertação é a luta, e é lutando que *passamos a compreender porque lutar também é educar.*

6 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **As novas formas de acumulação de capital e as formas contemporâneas estranhamento (alienação)**. Cadernos CRH, Salvador, n 37, p 23-45, jul/dez. 2002.

BRECHT, Bertold. **Nada é impossível de mudar**. <http://www.astormentas.com/brecht.htm> acesso em 08 de maio de 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Coleção Educação e Comunicação vol. 1. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Centauro, 2001. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FERNANDES, Florestan. http://www.fened.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=116:curso-de-formacao-juridica-e-politica&catid=32:noticias&Itemid=57 Acesso em 01 de julho de 2013.

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito**. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LÜDKE, MENGA. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

O PENSADOR, Gabriel. **Até Quando?** <http://www.vagalume.com.br/gabriel-pensador/ate-quando.html> acesso em 08 de maio de 2013.

PITTY. **Admirável chip novo**. <http://www.vagalume.com.br/pitty/admiravel-chip-novo.html> acesso em 08 de maio de 2013.

RUSSO, Renato. **Mais uma vez**. <http://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/mais-uma-vez.html> acesso em 08 de maio de 2013.

TITÃS. **Comida.** <http://www.vagalume.com.br/titas/comida.html> acesso em 11 de julho de 2013.

ANEXOS

ANEXO 1 – BANDEIRA DE LUTA DO DIRETÓRIO ACADÊMICO NA DÉCADA DE 1980

82

CONTRA O ENSINO PAGO



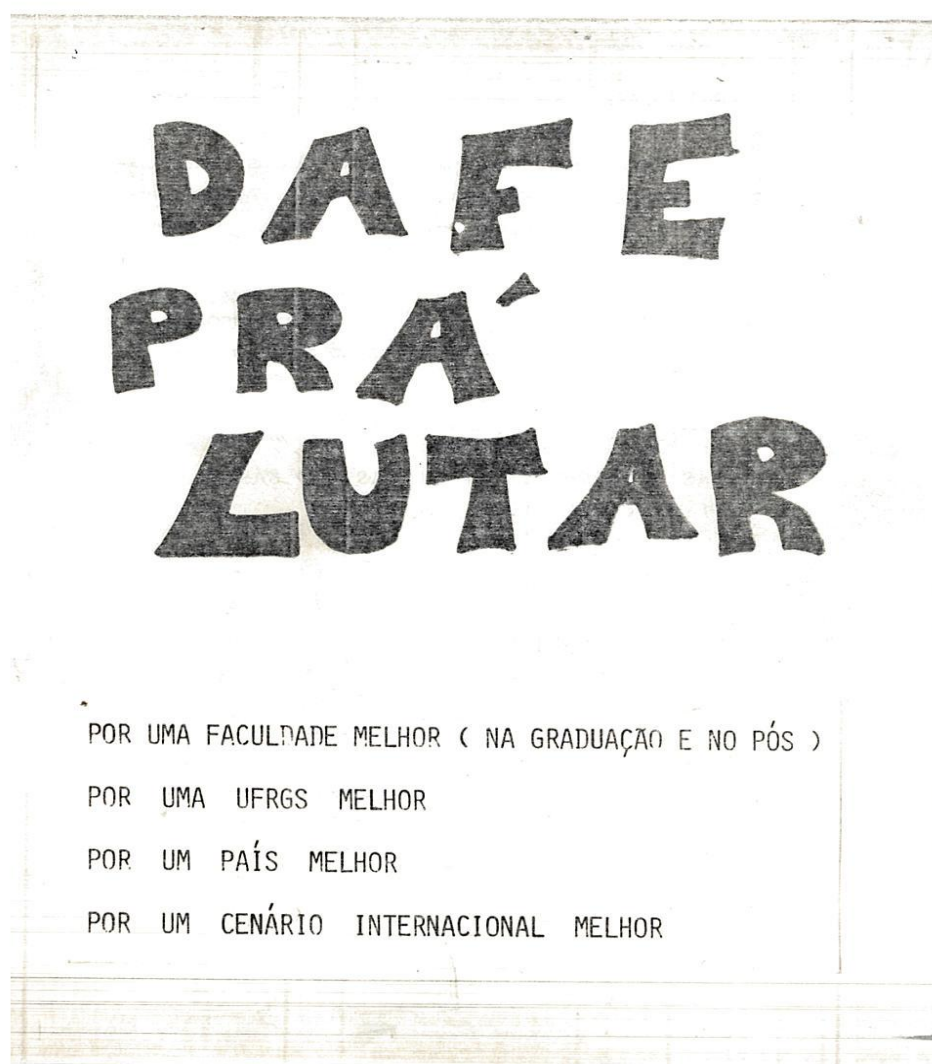
A cartoon illustration of a man with a beard and glasses, wearing a suit, sitting at a desk. He is looking thoughtful, with his hand to his chin. To his left is a sign that says 'TIC' and has a large number '2' on it. The sign is surrounded by several smaller 'TIC' words. The man is wearing shoes with 'TIC' written on them. The signature 'J. J. J. J. J.' is visible at the bottom right of the cartoon.

ENSINO PÚBLICO E GRATUITO DIREITO DE TODOS, DEVER DO ESTADO

TEXTO 2 **DAFE/UFRGS**

EXTRAÍDO DO TEXTO DA CONFERÊNCIA DAS CLASSES TRABALHADORAS (SC)

ANEXO 2 – BANDEIRA DE LUTA DO DIRETÓRIO ACADÊMICO NA DÉCADA DE 1980



ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO DA INSTITUIÇÃO

**TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO**

Estou realizando uma pesquisa que tem como objetivo investigar o sentido e lugar do Diretório Acadêmico na Faculdade de Educação. Para tanto, solicito autorização para realizar este estudo nesta instituição. Também será utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para cada participante.

A coleta de dados envolverá a aplicação de um questionário que deverá ser respondido individualmente por cada membro da gestão via *e-mail*. Os participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes bem como da instituição envolvida. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios de ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos realizados oferece riscos à dignidade do participante.

Agradeço a colaboração dessa instituição para a realização desta atividade de pesquisa e coloco-me à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a estudante Priscila Goulart dos Santos da Faculdade de Educação da UFRGS

02/04/2013 _____**Data Prof.^a Dra. ... (FACED/UFRGS)**

Concordamos que os membros da Gestão desta instituição participem do presente estudo.

Instituição: _____**Responsável:** _____

ANEXO 4 – MANIFESTO PRÓ SEMANA ACADÊMICA DA PEDAGOGIA

DAFE**PEDAGOGIA: PRIMEIRA OPÇÃO!**DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GESTÃO 2012/2013**MANIFESTO ESTUDANTIL REFERENTE À SEMANA ACADÊMICA DA PEDAGOGIA**

A semana acadêmica é um evento educacional integrante do calendário acadêmico da UFRGS organizada pelos estudantes (no caso do curso de Pedagogia e outros). E por ser organizada por estudantes, ano após ano tem sido tratada com descaso pela maioria dos docentes desta faculdade, que ofertam aula no período, que não incentivam à participação dos discentes, que marcam provas e trabalhos para semana seguinte, de modo que leva os estudantes a fazer desta semana o momento de organização semestral acadêmica.

Muitos consideram a semana acadêmica realizada pelo Diretório da Faculdade de Educação um espaço aquém em relação à aprendizagem e a produção de conhecimento realizadas em sala de aula. Acreditam na ideia de que aula é uma sala com quadro ou projetor, cadeiras, alunos e um professor. Sendo o resto irrelevante para formação das alunas.

Este ano mais uma vez estamos trabalhando arduamente para realização da Semana Acadêmica, e viemos através deste manifesto exigir dos Docentes desta Faculdade o devido respeito que nos é de direito. **O Dafe é parte da Faced, e é também espaço de formação.** Embora estejamos na condição de estudantes não estamos em nível inferior relação aos doutores desta instituição.

Sendo assim, **reiteramos mais uma vez a Semana Acadêmica como um espaço de ação, de produção e de reflexão discente, e por esta razão tão importante quanto às aprendizagens de sala aula e demais momentos ao longo do semestre.**

Porto Alegre, 18 de abril de 2013.

ANEXO 6 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estou realizando uma pesquisa que tem como objetivo compreender **que sentido tem o DAFE hoje dentro da FACED?**

A coleta de dados envolverá a análise de documentos do Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação da década de 80, e a aplicação de um questionário que deverá ser respondido individualmente de modo online, pelos membros da gestão atual do Diretório, Professores e alguns Discentes. Sendo assim, esta realizar-se-á pela estudante Priscila Goulart dos Santos. Informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo.

Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos critérios de ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos realizados oferece riscos à dignidade do participante, que não os inerentes ao convívio humano.

Todo material desta pesquisa ficará sob responsabilidade da pesquisadora Priscila Goulart dos Santos por um período de 2 anos. Dados individuais dos participantes coletados ao longo do processo não serão informados às instituições envolvidas, mas será realizada uma devolução dos resultados, de forma coletiva, para o Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação.

Agradeço a colaboração para a realização desta atividade de pesquisa e coloco-me à disposição para esclarecimentos adicionais.

A Orientadora responsável por esta pesquisa é a Profa. Dra. Carmen Lucia Bezerra Machado do Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação da UFRGS.

Caso queiram contatar a equipe, isso poderá ser feito pelo telefone (51) 93610420 ou (51) 33199641.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Nome

